

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO PÚBLICA MUNICIPAL

Paula Luana de Oliveira

**VULNERABILIDADE SOCIAL NAS ESCOLAS NA PERCEPÇÃO DE
PROFESSORES MUNICIPAIS DE NOVO HAMBURGO E SÃO
LEOPOLDO**

ENCANTADO, RS

2022

Paula Luana de Oliveira

**VULNERABILIDADE SOCIAL NAS ESCOLAS NA PERCEPÇÃO DE
PROFESSORES MUNICIPAIS DE NOVO HABURGO E SÃO LEOPOLDO**

Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de Pós-Graduação em Gestão Pública Municipal, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de especialista em Gestão Pública Municipal.

Orientador: Prof.º Dr.º Me. Leander Luiz Klein

Encantado, RS.

2022

Paula Luana de Oliveira

**VULNERABILIDADE SOCIAL NAS ESCOLAS NA PERCEPÇÃO DE
PROFESSORES MUNICIPAIS DE NOVO HABURGO E SÃO LEOPOLDO**

Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de Pós-Graduação em Gestão Pública Municipal, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de especialista em Gestão Pública Municipal.

Aprovada em 27 de Agosto de 2022:

Documento assinado digitalmente



LEANDER LUIZ KLEIN
Data: 17/10/2022 16:37:13-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

**Leander Luiz Klein, Doutor em Administração (UFSM) e Mestre em Administração (UFSM)
(Orientador)**

Documento assinado digitalmente



PAULA LUANA DE OLIVEIRA
Data: 17/10/2022 17:27:03-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

**Paula Luana de Oliveira, Especialista em Ensino de Filosofia (UFPEL)
(Autora)**

Encantado, RS.

2022

RESUMO

VULNERABILIDADE SOCIAL NAS ESCOLAS NA PERCEPÇÃO DE PROFESSORES MUNICIPAIS DE NOVO HAMBURGO E SÃO LEOPOLDO

AUTORA: Paula Luana de Oliveira
ORIENTADOR: Leander Luiz Klein

O referido artigo apresenta um estudo exploratório que tem como objetivo entender as diferentes concepções sobre vulnerabilidade, compreendendo os problemas que são consequência desse contexto em escolas, analisando possíveis intervenções que transponha e atinja a cultura vulnerável. Na consecução do trabalho, foram realizadas entrevistas com vinte e oito professores dos municípios de Novo Hamburgo e São Leopoldo, que têm ou tiveram vínculo com escolas concentradas em zonas de vulnerabilidade social. Por meio das respostas obtidas, seguiu-se a técnica de análise das entrevistas que utilizou os relatos da vida cotidiana desses docentes nas escolas. Os resultados demonstram algumas possibilidades que podem ser utilizadas na prática nessa realidade, explorando possíveis alternativas de intervenção. Constatou-se também que não existe um modelo único a ser seguido, já que essa defasagem envolve diversas instâncias e contextos da sociedade. Precisa-se considerar que enquanto profissionais da educação, esses problemas fazem parte de um contexto, e por isso, toda intervenção educativa é um ato de possível desestabilização. Um ato de coragem.

Palavras-chave: Vulnerabilidade social. Educação Básica. Crianças e adolescentes. Cultura.

ABSTRACT

TITLE: SOCIAL VULNERABILITY IN SCHOOLS IN THE PERCEPTION OF MUNICIPAL TEACHERS OF NOVO HAMBURGO AND SÃO LEOPOLDO

AUTHOR: Paula Luana de Oliveira

ADVISOR: Leander Luiz Klein

This article presents an exploratory study aimed at understanding the different conceptions of vulnerability, the problems that arise from this context in schools, and analyzing possible interventions that transpose and reach the vulnerable culture. In this work, interviews were conducted with twenty-eight teachers from the municipalities of Novo Hamburgo and São Leopoldo, who are or have been associated with schools in vulnerable area. Based on the responses obtained, the interview analysis technique was applied using the accounts of the daily life of these teachers in the schools. The results show some possibilities that can be used in practice in this reality, exploring possible intervention alternatives. It was also noted that there is no single model to be followed, as this gap affects different instances and contexts of society. We must keep in mind that as educational professionals we consider these problems as part of a context, and therefore any educational intervention is an act of possible destabilization - an act of courage.

Keywords: Social vulnerability. Basic education. Children and teenagers. Culture.

1. Introdução

A escola é um espaço social em que estão inseridos diversos contextos e culturas oriundos de diferentes classes sociais que, conseqüentemente, trazem consigo seus reflexos no espaço escolar. No Brasil os elevados índices de vulnerabilidade social sucedem de profundas transformações da política econômica nacional, impactando na vida econômica, social e cultural da população. Conforme dados lançados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2017), através do site Agência Brasil, 50 milhões de brasileiros, o equivalente a 25,4% da população, vivem vulneráveis a pobreza.

Por vulnerabilidade social sintetizamos a ideia de um indivíduo ou grupo, a exposição e sensibilidade de problemas constantes e que agravam danos por vezes irreparáveis a uma vida inserida na ausência de condições mínimas de sobrevivência. Neste contexto, se perpassa de geração para geração, este modelo de pretensão de futuro, já que, nascem de um contexto fragilizado e pior, sendo adaptados a viver e aceitar essas condições. (ADORNO, 2001)

Adentrando no cenário da Educação Básica surge a criança que apresenta a dificuldade e que não sabe como lidar com ela. Na escola os profissionais da educação buscam ajudar como podem, mas existem diversas limitações para isso. Diante de classes super lotadas, falta de tempo para uma dedicação efetiva e que se “afogam” em situações discentes com evidentes problemas como nível extremo de pobreza, condições de saúde totalmente fragilizada, drogas, violência, fome e sem condições mínimas de higiene pessoal, muito longe de um padrão emocionalmente estável para de fato, se dar início ao processo educativo de qualidade.

As latentes demandas e necessidades que permeiam o cotidiano de crianças e adolescentes, evidenciam angústias que, enquanto docente, precisam ser abastecidas com alternativas práticas muito mais eficientes. O objetivo deste artigo é entender as diferentes concepções sobre vulnerabilidade, compreendendo os problemas que são consequência desse contexto em escolas, analisando possíveis intervenções que transponha e atinja a cultura vulnerável.

Considerando nossa obrigação social, ainda maior enquanto educadores, torna-se tão importante refletir e buscar compreender essa realidade que acompanha o mundo até os dias atuais. Por se tratar da formação humana que constituirá o próxima geração e futuro, uma sobrecarga de incertezas sobre a qualidade do que é permitido acesso a essas crianças. Espera-se contribuir fomentando reflexões críticas e principalmente práticas, seguras de que adequar-se a esses problemas não é a solução para um país que precisa e quer um futuro de qualidade.

Para uma melhor visualização da pesquisa, organizou-se o trabalho em partes que estão

descritas na sequência. O referencial teórico está dividido em três partes: a primeira, busca explorar alguns conceitos e percepções sobre vulnerabilidade. Em seguida, aborda-se sobre as dificuldades enfrentadas em escolas, considerando dados e o histórico dessas vivências. Por último, o aprofundamento teórico de possíveis ações de melhorias nas escolas pertencentes a esses contextos. Posterior ao referencial teórico, descreveu-se sobre o Método do trabalho, o qual fundamenta o modelo de pesquisa, a técnica utilizada para análise de dados e aborda sobre como se transcorreu o processo de entrevistas. A análise das entrevistas, foi organizada em quatro partes: Vulnerabilidade social, Dificuldades enfrentadas em escolas, Pandemia *versus* Vulnerabilidade social e por último, Ações e práticas de melhorias nas escolas inseridas neste contexto. Finaliza-se o trabalho com as considerações finais da pesquisa.

2. Referencial teórico

2.1 Vulnerabilidade social

A formação integral de crianças e adolescentes têm sido alvo de vulnerabilidade social. Os contextos sem estrutura e condições mínimas para a sobrevivência e pleno desenvolvimento, preocupam a visão sobre uma sociedade que persiste e que acredita nessa cultura composta por diversas fragilidades. A formação de crianças, nesse cenário, é cercada de defasagens e riscos expressos, (REPPOLD; PACHECO; BARDAGI; HUTZ. 2002, p.10) afirmam que, frente a situações adversas, o “comportamento dos sujeitos perante esses eventos depende de sua vulnerabilidade”.

Seja de natureza pessoal, social ou cultural, esse tema abrange o vínculo de exposição de indivíduos a fatores de risco. Possui uma variedade de determinantes e pode ser encontrado em diferentes contextos como nas áreas de saúde, econômica, natural, ambiental e social (CARMO; GUIZARDI, 2018; MALTA; MAGRINI; COSTA, 2017). Contempla o sofrimento, fragilidades e latências.

No entanto, precisa-se considerar a diferença entre ser e estar vulnerável. Uma criança desde o seu nascimento, por exemplo, encontra-se vulnerável pelo simples motivo de estar viva e depender de cuidados de um adulto para sua sobrevivência. Isso não significa que a criança estará em situação de vulnerabilidade. Pode-se dizer, então, que ela é vulnerável, mas não vulnerada (quando se experimenta a ação que afeta seu equilíbrio emocional) (CARMO; GUIZARDI, 2018).

Sem nenhuma perspectiva promissora no transcorrer de seus primeiros e formativos anos de vida, essas crianças e suas respectivas famílias se encontram em situações insuficientes para

enfrentar crises financeiras, o estado de vulnerabilidade social, se constitui onde há ausência do suprimento das necessidades básicas e rompimento de direitos (PEREIRA, 2006).

Tomar a multideterminação da vulnerabilidade é considerar que o conceito não está unicamente ligado à ausência ou precariedade no acesso à renda, mas inclui nessa ideia, as fragilidades de vínculos afetivos (CARMO; GUIZARDI, 2018). Wallon (2007, p.121) considera que “as emoções consistem essencialmente em sistemas de atitudes que, para cada uma, correspondem a certo tipo de situação”.

Conforme o indivíduo reage e se expressa, em algum momento foram interiorizadas nele e vivenciadas por ele. Elas trazem para as atividades que realizam, e para os corpos, as marcas da violência psíquica, da violência física, da fome, do desemprego dos pais, da miséria, impregnadas no pensamento, no agir, no cotidiano agressivo com os colegas, em seu comportamento na sociedade e também, ao brincar.

... quando um corpo encontra outro corpo, uma ideia, outra ideia, tanto acontece que as duas relações se compõem para formar um todo mais potente, quanto que um decompõe o outro e destrói a coesão das suas partes. (DELEUZE, 2002, p.24-25)

O conhecimento empírico, a bagagem trazida pelas crianças e adolescentes vulneráveis psicologicamente, é resultado das experiências que estão inseridas nas instâncias sociais e culturais. As experiências trágicas, as subjetividades capturadas no cotidiano na comunidade, em situações de violência compõe a formação e construção pessoal dessas crianças.

Os rastros escolares vão muito além dos lastros da memória na medida em que a escolarização a envolve e opera nela, mais ainda, atuando através desse “veículo envolvente” de transformações e reconstruções de outras crenças, a partir das subjetividades vivenciadas pelas crianças (ASSUNÇÃO, 2007).

De uma outra vulnerabilidade precisa-se falar. Da impossibilidade de modificar a condição atual em que determinado indivíduo ou grupo se encontram. Essa instância cultural está estagnada na impossibilidade de escolher ou negar aquilo que lhes é oferecido (SILVA, 2007).

2.2 Dificuldades enfrentadas em escolas

Inúmeras são as dificuldades enfrentadas na formação discente, mais ainda, quando se trata desse contexto de vulnerabilidade social. De acordo com Paulo Freire (1996, p.23): “Não há docência sem discência”. Nessa dependência, tomando um papel observador, mais do que isso, questionador dessa realidade que o profissional constata uma diversidade de precariedades

do contexto discente: a falta de recursos sejam eles, financeiros, de saúde, afetivos ou psicológicos, afetam diretamente a qualidade de vida discente, que se concentram também com as particularidades decorrentes dessa etapa de desenvolvimento das crianças e adolescentes.

Essa realidade de vida dos indivíduos vulneráveis socialmente, expõe-nos a uma série de fatores de risco, como o uso de drogas, a prostituição buscada para se ter a sobrevivência.

Existem também os conflitos provenientes do convívio social que ameaçam seu bem-estar. Ou seja, eles não sofrem apenas da falta de acesso à instituições e serviços, mas também da qualidade da interação com os adultos. Se eles não são sempre vítimas vivenciam a vulnerabilidade relativa, já depende da análise dos fatores de risco (SIERRA e MESQUITA, 2006)

Diante desses resultados, a necessária e por vezes, não existente, estrutura pessoal que garanta condições psicológicas conscientes, visto que para em 2000, em Dakar, no Senegal, Cúpula Mundial da Educação aprovou a declaração denominada Marco de Ação de Dakar, em que reafirma a Declaração de Jomtien, segundo o qual:

[...] toda criança, jovem e adulto tem direito humano de se beneficiar de uma educação que satisfaça suas necessidades básicas de aprendizagem, no melhor e mais pleno sentido do termo, e que inclua aprender a aprender, a fazer, a conviver e a ser. É uma educação que se destina a captar os talentos e o potencial de cada pessoa e desenvolver a personalidade dos alunos, para que possam melhorar suas vidas e transformar suas sociedades [...] (JOMTIEN, 1990)

De acordo com Fonseca (1995) a dificuldade de aprendizagem vem desde antigamente, no século XII e XIV a criança entrava na escola aos treze anos de idade. Ou seja, historicamente falando, a sociedade passou por diversas transformações. Esses transtornos de aprendizagem trazem consigo vários fatores que influenciam, como: fome, desmotivação, falta de estímulo, desestrutura familiar, problemas pessoais, que interferem na aprendizagem e prejudicam no desenvolvimento do aluno.

2.3 Ações e práticas de melhorias nas escolas em situação de vulnerabilidade

A prática educativa tem veículos de comunicação importantíssimos e que atuam diretamente no processo de intervenção. O professor, desta forma, passa um período significativo do dia convivendo diretamente com essas crianças. Por isso, conhece as histórias que as envolvem, assumindo um papel de referência a elas. Esse conhecimento do contexto, torna mais fácil se partir e detectar dificuldades para futuras intervenções educativas, de

maneira que promova situações favoráveis à aprendizagem. Ao relatar uma experiência diferenciada de estágios, a importância desse espaço não só para a formação inicial como para a formação em continuidade (SILVA, 2005).

Partindo dessa realidade, busca-se constatar nesta presente pesquisa, possibilidades de intervenções socioeducativas que contemplem essas vulnerabilidades, convertendo através de uma igualdade, um padrão. Este, por sua vez, trará mais segurança e manterá os envolvidos numa formação de fato, com qualidade.

Não se pode deixar de considerar a disposição a danos psicológicos e estrutura emocional dessas crianças e jovens enquanto fator de vulnerabilidade. No desenvolvimento de algumas competências que influem diretamente na formação da personalidade. A competência, desta forma, é a capacidade de mobilizar um conjunto de recursos cognitivos (saberes, capacidades e informações) que visam solucionar com pertinência e eficácia uma série de condições (PERRENOUD, 1999).

Essa eficácia não implica ao acesso a bens materiais. Ou ainda, a padrões de sociabilidade e usufruto de bens culturais e sociais, mas também e principalmente, ações educativas com profissionais capacitados, ofertando suporte psicológico, neurológico, pedagógico além do ambiente escolar.

Pertinente a esse público-alvo e considerando a interação como ferramenta fundamental do processo formativo (ETCHEVERRIA, 2008), a oferta de entretenimento, música e cultura em um grau de criticidade que provoque uma capacitação dessas crianças e jovens, a atuarem ativamente em sociedade.

3. Método

Este artigo caracteriza-se por um estudo exploratório, na busca por entender as diferentes concepções sobre vulnerabilidade, compreendendo os problemas que são consequência desse contexto em escolas, analisando possíveis intervenções que transponha e atinja a cultura vulnerável. Conforme Gil (2019) essas pesquisas têm como propósito proporcionar maior familiaridade com o problema com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. Possui o formato bastante flexível, pois interessa considerar os mais variados aspectos relativos ao assunto do estudo.

Como estratégia de pesquisa, utilizou-se a abordagem qualitativa considerando a necessidade de novas perspectivas sobre a problemática evidenciada neste artigo, e essas, por sua vez, que contemplem a demanda da realidade. Vieira e Zouain (2005) afirmam que a

pesquisa qualitativa atribui importância fundamental aos depoimentos dos atores sociais envolvidos, aos discursos e aos significados transmitidos por eles. Nesse sentido, esse tipo de pesquisa preza pela coleta de descrição de pessoas que estão inseridas no contexto de vulnerabilidade social.

Através do procedimento de coleta de dados, realizou-se um roteiro de questões estruturadas e semiestruturadas. Sendo as estruturadas com questionamentos fechados e objetivos, havendo a possibilidade de selecionar a resposta entre as disponíveis e semiestruturada, composta neste caso, por questões abertas e de resposta escrita (Manzini, 2004). As perguntas foram elaboradas com base no Referencial Teórico. O roteiro contemplou questionamentos (Apêndice A) cujo as respostas pudessem trazer um maior conhecimento da perspectiva dos professores respondentes sobre o assunto principal da pesquisa. As dezesseis perguntas constituem o roteiro de entrevistas que foi separado em duas categorias de análise: A primeira com perguntas direcionadas a conhecer o público respondente e a segunda, Vulnerabilidade na educação.

A partir desses dados, as respostas foram analisadas por meio da técnica de análise de conteúdo (BARDIN, 2010). Escolhida pois baseia-se em dados objetivos e que nos auxiliam a chegar em relatos da vida cotidiana dos respondentes e suas opiniões reais sobre vulnerabilidade social nas escolas. Com isso, constatou-se aspectos relevantes que se pode verificar na similaridade das falas dos entrevistados (BARDIN, 2010). Foram utilizados dois tipos de categorias de análise, sendo elas: a priori – constituídas a partir do referencial teórico deste artigo e posteriori – desenvolvidas com base nas falas dos entrevistados, a partir da similaridade dos relatos. Os resultados encontrados foram averiguados e seguido de reflexões, destacados como pauta da próxima etapa deste trabalho.

4. Análise das entrevistas

Perfil dos respondentes

As entrevistas foram realizadas de forma online com vinte e oito professores dos municípios de Novo Hamburgo e São Leopoldo, de escolas que estão concentradas em zonas de vulnerabilidade social. Ocupam as funções professoras do Ensino fundamental (de 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental) ou integram a equipe de gestão da escola. As demais participantes da pesquisa são professoras de Educação Infantil e do Ensino médio. Entre as setenta e cinco por cento das educadoras entrevistadas possuem mais de oito anos de atuação

na área da educação, dado importante para a pesquisa que busca entender o contexto de fragilidade social nas escolas.

As respondentes foram denominadas, para fins de verificação de suas falas, como E1, E2, E3, E4, e assim sucessivamente até E28. As respostas ficaram registradas na plataforma Google Forms e posteriormente foram transcritas e organizadas em um documento em que pudesse ser realizada a posterior análise.

4.1 Vulnerabilidade social

Pensar sobre vulnerabilidade social envolve tantos outros aspectos entre eles até mesmo aqueles que estão internalizados e subjetivos nos seres envolvidos. Podemos afirmar que o resultado desse estado (do verbo estar) vulnerável se agrava e está presente em todos os lugares. No caso dos relatos das entrevistas realizadas nessa pesquisa, de maneira intermunicipal, espalhados em espaços diversos e tornando claro as classes sociais.

Entender quais são os problemas que compõe esse “estado” de vulnerabilidade é o primeiro passo para compreender o que de fato constitui o contexto:

(...) Dentre os problemas frequentes temos a falta de recursos da família para a compra de material escolar, roupas para época de inverno, baixa escolaridade dos pais e a negligência com a vida escolar dos filhos. (...) (E13)

Como observado, falta de recursos (materiais e roupas) baixa escolaridade das famílias e negligência na vida escolar são alguns dos problemas materiais citados e que constituem essa cultura. Considerando esses problemas então, o que pode-se refletir é sobre a origem deles, já que estes acontecem em um país que possui garantias legais de acesso e sobrevivência e verificar no que esses fatores influenciam na vida das crianças e adolescentes.

(...) A Vulnerabilidade social (...) impacta na aprendizagem e no cognitivo do aluno, visto que este possa estar com fome, frio, ter sofrido agressão, e passar por inúmeros problemas com a família, ou mesmo com a ausência dela. (...) (E27)

Existe então uma demanda de necessidades não contempladas por essas famílias e mais especificamente abordado no decorrer dessa pesquisa, da vida dessas crianças e adolescentes. Onde para uns a escola é um lugar de encontros, descobertas e aprendizagens, para outros, é tido como refúgio, abrigo e via de sobrevivência. A escola neste contexto é entendida através de uma percepção diferente, um lugar que “deve suprir” anseios que se distanciam da

aprendizagem em si. Conforme a Constituição Federal, de 1988, em seu artigo 208, inciso I: “O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: igualdade de condições para o acesso e permanência na escola”. Analisa-se a seguir, a maneira como tem ocorrido esse acesso e permanência nessas escolas abordadas nesta pesquisa:

(...) Em famílias onde os pais veem futuro no estudar, no ir para a escola fica mais fácil dos filhos entenderem que é preciso de estudo para ser alguém. Esses têm tempo para estudar e para disputar melhores vagas em universidades e no mercado de trabalho. Os estudantes em vulnerabilidade social precisam lutar todos os dias por suas sobrevivências e o estudo fica em segundo plano. Normalmente, vão para a escola para comer e para ter onde ficar, enquanto os pais trabalham. Muitos precisam ajudar em casa ou até mesmo fazendo bicos (os alunos mais velhos, por exemplo) (...) (E21)

Por outro lado, as condições de vulnerabilidade não determinam o sujeito. Embora esse contexto de fragilidades desestabiliza o pensamento crítico até mesmo enquanto pesquisa-se do assunto, precisa-se lembrar que essa realidade não é fator que constitui a pessoa. Como dito anteriormente, ser (de ser vulnerável a algo) é diferente de estar (do estado de vulnerabilidade).

(...) Crianças em vulnerabilidade tendem a ter mais dificuldades do que as demais. Isso não quer dizer que crianças com mais recursos não possuem dificuldade, porém as famílias tendem a buscar a ajuda necessária para auxiliar nesse processo. Uma família sem o mínimo para sobreviver, não tem dinheiro nem condições de buscar essa ajuda. (...) (E27)

Diante desse cenário, existem vários fatores que precisam ser considerados e respeitados, para que a prática docente, neste caso, possa contribuir de fato nos aspectos que são latentes e que existe maior necessidade em sala de aula.

4.2 Dificuldades enfrentadas em escolas

Quando fala-se sobre esse estado de vulnerabilidade social, precisa-se validar as dificuldades encontradas e enfrentadas nas escolas de Educação Básica. Essas instituições inseridas neste contexto são cercadas de insuficiências diante de, muitas vezes, uma superlotação de estudantes nas salas de aula. Como se não bastasse esse agravante de quantidade, existe a demanda de crianças que necessitam de acompanhamentos específicos.

(...) As turmas na escola são "lotadas". (...) Além de excesso de alunos nas turmas, temos alunos de inclusão e a maioria deles não tem acompanhamento do professor de apoio. Dessa forma, a qualidade da aula fica prejudicada por não conseguir atender de forma adequada os alunos. (...) (E9)

Há ausência então, de uma estrutura física que contemple, mais do que isso, que respeite

o tempo e o espaço dessas crianças que possuem diversas limitações básicas de sobrevivência. Quando propõe-se pensar em ensino, deve-se considerar a garantia legal de qualidade, que consta na Lei nº9.394, Artº 3, inciso IX: “Garantia do padrão de qualidade.” Busca-se refletir então, o real papel da instituição escolar, já que, quando se fala em qualidade, se parte da existência de uma realidade que tenha as necessidades básicas já atendidas. Mas, como de fato atender crianças e adolescentes vulneráveis a fome, miséria, problemas psicológicos e ainda, inseridas no mundo das drogas.

(...) A escola em que leciono é onde estudam crianças de baixo a baixíssimo poder aquisitivo, são crianças que muitas vezes chegam à escola sem ter tomado seu café da manhã e a refeição do dia anterior pouca. Apesar de faltar o alimento, sobra afetividade, são extremamente carinhosas. As famílias são desestruturadas, pais, na grande maioria separados e muitos desempregado ou sub-empregados. Há um problema bem sério no bairro: tráfico de drogas. (...)
(E9)

Aqui se verifica a necessidade de ocorrer o acolhimento dessas crianças e adolescentes neste espaço. Seria vulgar enquanto educadores, se ignorar essas fragilidades e simplesmente se ir aos objetivos sistemáticos enquanto docentes. Quando a realidade “grita” problemas que vivencia em seu cotidiano, precisa-se enquanto escola e professores, abraçar, ouvir, para quem sabe, no futuro induzir-se comportamentos críticos em relação a esses problemas culturais.

(...) os problemas da vida fora da escola acabam dentro das salas e são maiores e mais importantes para estes alunos do que a aprendizagem (...)
(E4)

Entende-se que o valor da escola não é mais o mesmo. Onde antes era se tido um espaço para aprendizagem, agora, a necessidade de um “passo para validação”; onde antes um espaço para se investigar e criar hipóteses de pesquisa, agora, há demanda de vida ou morte.

(...) Muita relação entre aprendizagem e vulnerabilidade social, pois o aluno que passa frio, fome, sem acesso a saúde e falta de estrutura familiar com certeza tem maior dificuldade na aprendizagem. (...)
(E26)

Existem também, as crianças e adolescente que tomam essas precárias realidades como “combustível” de avanço, de não aceitação do que é impregnado ao seu redor. Talvez esses indivíduos são frutos daqueles professores que disponibilizaram a transpor o ambiente escolar e deram aquele “passo de validação” ao acolher.

(...) Para alguns pode ser agente motivador e transformador, querendo fazer a diferença na sua família ou comunidade. Mas para outros, a grande maioria, deixam marcas que o acompanharão para sempre, e que acabam em muitas

questões psicológicas. (...) (E4)

Logo no início desta parte da pesquisa, tratou-se sobre os problemas internalizados e subjetivos na vida dos seres que vivem e estão vulneráveis. A estrutura familiar totalmente insuficiente para a sustentação de problemas emocionais e de carência desses seres em seus primeiros e formativos anos em sociedade. Esses problemas normalmente acarretam a desistência pela vida. Constitui uma geração sem uma favorável perspectiva pela vida e com indícios que o levaram a sua própria destruição humana.

(...) Nos últimos dois anos estamos vivenciando muitos casos de adolescentes usuários de SPA, assim como tráfico de drogas no entorno, aumentando por consequência a violência. (...) (E18)

(...) Tenho alunos com uma estrutura familiar boa e outros totalmente à mercê do sistema. Alunos que vem pra escola pela merenda que é sua única refeição completa do dia. Tenho alunas depressivas, abusadas e mutiladas. (...) (E5)

Até aqui pôde-se observar então problemas gravíssimos que são encontrados no cotidiano escolar dessas crianças e adolescentes que estão inseridos em regiões de vulnerabilidade social. Desde problemas não materiais - como agravantes psicológicos, neurológicos - até a utilização de recursos que tem como causa a depredação da vida humana - como a utilização de drogas. Diante dessas complicações existentes e colocadas pelos entrevistados, propõe-se pensar aqui, formas de atingir e desestabilizar essa cultura.

4.3 Pandemia *versus* vulnerabilidade social

Quando ninguém esperava, se teve que aprender a enfrentar o distanciamento social. Imagina-se neste cenário, aquelas crianças que habitavam o espaço escolar como recurso de socialização e suprimento de suas demandas fisiológicas, entre elas: o comer, descansar, dormir e beber. Diante do cenário caótico, a necessidade de afastamento deste “porto seguro” por tempo indeterminado. Dando referência aqui, a situação de calamidade pública, enfrentando pela COVID-19 no ano de 2019.

(...) algumas crianças precisam de um olhar mais atento a partir de uma defasagem na aprendizagem depois de terem vivenciado dois anos de pandemia, tendo pouco acesso as propostas e pouco acompanhamento familiar. (...) (E20)

Diante desse cenário, percebe-se que existem complexos agravantes que, em muitos casos, jamais serão revertidos e reconstituídos. Deste modo, vale constatar que sobre a vulnerabilidade social, há danos irreparáveis que precisamos com urgência, estrutura e

qualidade, enfrentá-los.

(...) Crianças em vulnerabilidade acabam se acomodando com a situação em que vive, os pais também não têm consciência de aprendizado, para instruir as crianças psicologicamente, acabando que quando estas crianças forem adultos, reproduzirão o que vivenciaram na infância. (...) (E12)

Trata-se aqui sobre agravantes que interferem diretamente a vida. Distante do processo de aprendizagem em si, precisa-se contemplar a realidade. Aqui propõe-se pensar sobre a inserção de uma instância que presta o suporte efetivo. Os profissionais da Psicologia buscam promover a saúde e a qualidade de vida tanto da pessoa, bem como na coletividade; assim como a eliminação de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão (CFP, 2005).

Precisa-se então acolher essas crianças e adolescentes que estão desde os primeiros anos de vida, suscetíveis a danos sociais, morais e de vida. E mais, que sobreviveram a calamidade vivenciada nesses dois anos pandêmicos.

4.4 Ações e práticas de melhorias nas escolas em situação de vulnerabilidade

Talvez essa seja a parte esperançosa da pesquisa. Diante das abordagens realistas e realizadas nas etapas anteriores, reuniu-se nesta etapa, ações que atinjam parte desses problemas sociais abordados no transcorrer do trabalho.

(...) O processo de aprendizagem se dá por diversas formas. É preciso um envolvimento emocional com o que se aprende e com quem ensina para que o estudante seja motivado a assimilar aquilo que é trabalhado. Faz-se necessário modelos, apontar caminhos e muita repetição para que o que está sendo trabalhado seja assimilado. Também se dá na troca de experiências com os colegas e os professores. Sua atenção precisa estar focada naquilo que está aprendendo. (...) (E21)

Sobretudo, faz-se necessário se ter coragem. Quando se fala em envolvimento emocional, os profissionais que irão atuar diretamente com essas crianças, necessariamente precisarão ter sua estabilidade emocional estável. Desta forma, “A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa.” (FREIRE, 1999)

Não irá existir um modelo único e adequado para se seguir. Existe a tentativa de dar-se seguimento ou então pelo menos se iniciar o processo de ensino-aprendizagem neste contexto de vulnerabilidade social.

(...) Atuei muitos anos com turmas de alfabetização e letramento. Se tem algo que percebi é que quanto mais variadas as abordagens, maior a chance de atingir a todos pois as pessoas aprendem de formas diferentes. É como dar o mesmo remédio para doenças diferentes. Portanto, as intervenções pedagógicas têm que ser adequadas aos diagnósticos. Já vi profissionais fazerem testagem de níveis e dar as mesmas atividades para todos. (...) (E1)

Tentar concentrar o maior tempo possível as crianças e adolescentes dentro do espaço escolar, poderá ser uma forma de afastá-las das ofertas negativas que são investidas nas ruas, às crianças. Prestar atendimento como forma de reforço escolar, e de maneira indireta, poder suprir demandas de acolhimento as carências, dúvidas sobre assuntos abordados em sala de aula e porque não, oficinas artísticas e que valorizam a música, as artes plásticas, manuais e teatrais.

(...) Os alunos tem reforço escolar no turno inverso, para poder tirar suas dúvidas quando necessário, porque em horário normal é difícil assessorar todos quando precisam. (...) (E12)

O que falta muitas vezes é reconhecer as habilidades artísticas e permitir que através delas, e não só da violência (como o que culturalmente é feito) essas crianças e adolescentes possam manifestar seus anseios, preocupações e dificuldades.

(...) Uma criança nestas condições tem a sua autoestima abalada, geralmente, se coloca num lugar de não aprendiz. Desta forma, a primeira medida é criar vínculo e mostrar o quanto ele/ela é capaz. É um processo muito lindo ver um ser humano se apropriando de algo que ele não se julgava capaz. (...) (E1)

Não existe receita pronta a se seguir. Não existe uma abordagem de ensino específica para se aplicar. Mas existem profissionais que acolhem e outros que poderão ser incentivados a fazerem o mesmo por nossa futura geração. Validar é, então, o primeiro passo para se entender o contexto, e partindo dele, encontrar ferramentas que desestabilizem percepções de vida totalmente comprometida. Desta forma, precisa-se ressaltar que esses problemas fazem parte de um contexto, e por isso, toda e qualquer ação de intervenção, será um passo. Atos de coragem.

5. Considerações finais

O trabalho partiu de um tema vivenciado durante uma prática de estágio em uma escola localizada em zona periférica de uma determinada cidade, que, desestabilizou o pensamento e a vontade por pesquisar esse assunto. O objetivo geral busca entender as diferentes concepções sobre vulnerabilidade, compreendendo os problemas que são consequência desse contexto em

escolas, analisando possíveis intervenções que transponha e atinja a cultura vulnerável. Mesmo assim, constatou-se que os suscetíveis problemas irão permanecer, mas aqui, reúne-se ideias e possíveis intervenções a essa realidade.

Considerando a multideterminação da vulnerabilidade, (CARMO; GUIZARDI, 2018) dizem que este não está unicamente envolvido à ausência ou precariedade no acesso à renda, mas que envolve fragilidades afetivas também.

Através do processo de entrevistas verificou-se diferentes pontos de vista sobre o impacto da vulnerabilidade social na vida desses indivíduos. Verificou-se as fragilidades psicológicas que são manifestadas no espaço escolar, que neste contexto, é tido como espaço de acolhimento dessas insuficiências. Levando em conta crianças que se utilizam deste contexto para mobilizar um impulso de saída dele, o que normalmente acontece é totalmente o contrário.

Constatou-se uma nova concepção de escola, considerando a necessidade de “validação” dessa demanda. Já que se torna inviável um ensino quando a fome e necessidade de descanso é o alvo de interesse/necessidade desses alunos. Nestas complexas latências, a necessária reformulação dessa via de encontros se faz necessário.

Pôde-se constatar a partir dos problemas relatados através das entrevistas, que de maneira geral resumem-se em ações de depredação da vida, de tentativa por suicídio, em outros casos. Verificou-se dois agravantes que foram vencidos por esses indivíduos: a pandemia versus vulnerabilidade social.

Conclui-se então, que os danos causados a essas famílias e especificamente, em crianças e adolescentes, estão “plantados” no subconsciente e já afetaram de maneira irreparável o psicológico.

Contudo, espera-se contribuir para possíveis intervenções à prática educativa. Além disso, lançar outras pertinentes reflexões e apoiar aos docentes, gestores e demais profissionais que vivem em contextos vulneráveis, a levar para além das paredes da escola, dificuldades que sobrecarregam a sala de aula e distanciam do ensino de qualidade.

Referente as limitações encontradas no decorrer da pesquisa, a dificuldade de articular com outros setores que estão envolvidos na escola. Mesmo que de maneira indireta, a saúde, assistência social, profissionais da área psicológica e neurológica, poderiam estar mais acessíveis a ponto de se ter mais dinâmica e contato direto na prática da escola.

Com isso, sugere-se estudos futuros na busca por apropriação sobre as Políticas Públicas existentes, na tentativa da execução de fato, na prática. Talvez assim tenha-se bons resultados nas escolas situadas em regiões vulneráveis. Além disso, estudos que visam a interligação

necessária para tornar-se dinâmico a comunicação da escola com outros setores. Por exemplo, da saúde – como Unidades Básicas de Saúde (UBS) – e de contato direto com Assistência Social sem ter a necessidade de processos burocráticos e que necessitam tempo, quando o que de fato é necessário, são resultados rápidos, diretos e que atendam a demanda da instituição.

Referências bibliográficas

ADORNO, Rubens de Camargo Ferreira. **Capacitação solidária: um olhar sobre os jovens e sua vulnerabilidade social**. São Paulo: Associação de Apoio ao Programa Capacitação Solidária. 2001. Acesso em: 10 set. 2022.

ASSUNÇÃO, Maria Madalena Silva de. **Subjetividade: um conceito entre as fronteiras do discurso científico**. In: SILVA, Isabel de O. & VIEIRA, Martha Lourenço (org.). Memória, subjetividade e educação. Belo Horizonte, MG: Argymentvm; Três Corações, MG: Unincor, 2007.

BARDIN, L. (2010). **Análise de Conteúdo**, 6. ed. Lisboa: Edições 70 Ltda.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB**. 9394/1996. BRASIL.

CARMO, M.E.; GUIZARDI, F.L. **O conceito de vulnerabilidade e seus sentidos para as políticas públicas de saúde e assistência social**. Cad. Saúde Pública. v.34, n.3, Mar, 2018.

CASAL, Marcelo. **IBGE: 50 milhões de brasileiros vivem na linha de pobreza**. Agência Brasil, 2017. Disponível: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2017-12/ibge-brasil-tem-14-de-sua-populacao-vivendo-na-linha-de-pobreza#:~:text=Cerca%20de%2050%20mil%C3%B5es%20de,se%20uma%20pessoa%20%C3%A9%20pobre>. Acessado em: 04 set. 2022.

Cenário da Infância e Adolescência 2021. 1ª Edição. Fundação Abrinq. 2021. p. 9.

Código de Ética Profissional do Psicólogo. CFP. Brasília: CFP, 2005.

Declaração de Dakar, Senegal. Cúpula Mundial da Educação. 2000. Disponível em: <http://www.nepp-dh.ufrj.br/onu12-1.html>. Acessado em: 09 set. 2022.

DELEUZE, Gilles. **Espinoza, filosofia prática**. Tradução de Daniel Lins e Fabien Pascal Lins. São Paulo: Escuta, 2002.

ETCHEVERRIA, Teresa Cristina. **A Problematização no Processo de Construção de Conhecimento**. 2008. In: GALIAZZI, Maria do Carmo; AUTH, Milton.

- FONSECA, V. **Introdução as dificuldades de Aprendizagem**. 2. ed. Porto Alegre: Editora Artmed, 1995.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 23ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996
- Silva, S. M. C. (2005) **Psicologia escolar e arte: uma proposta para a formação e atuação profissional**. 1ª Ed. Campinas/Uberlândia: Alínea/Editora da Universidade Federal de Uberlândia.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. Ed. São Paulo: Atlas, 2019.
- HULTZ, C. S. et al. **Situações de risco e vulnerabilidade na infância e na adolescência: aspectos teóricos e estratégias de intervenção**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.
- MALTA, F.S.; SIQUEIRA, M.F.; MAGRINI, A.; COSTA, E.M. **Índice de vulnerabilidade socioambiental: uma proposta metodológica utilizando o caso do Rio de Janeiro, Brasil**. Ciênc. saúde coletiva.v.22, n.12, p.3933-3944. Rio de Janeiro. 2017.
- MANZINI, E. J. **Entrevista: definição e classificação**. Marília: Unesp, 2004. 4 transparência.
- PEREIRA, Maria A. R. **A política de Assistência Social. Cadernos de Assistência Social: trabalhador**. Belo Horizonte: NUPASS, 2006.
- Perrenoud, P. (1999) **Construir as Competências desde a Escola**. Porto Alegre, Artmed Editora. P. 30
- REPPOLD, C. T, PACHECO, J., BARDAGI, M. & HUTZ, C. S. Prevenção de problemas de comportamento e o desenvolvimento de competências psicossociais em crianças e adolescentes: uma análise das práticas educativas e dos estilos parentais. In:
- SIERRA, Vânia Morales. MESQUITA, Wania Amélia. **Vulnerabilidades e fatores de risco na vida de crianças e adolescentes**. São Paulo em Perspectiva, 2006 v. 20, n. 1, p. 148-155
- VIEIRA, M. M. F. e ZOUAIN, D. M. **Pesquisa qualitativa em administração: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.
- WALLON, H. **A evolução psicológica da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 99 2007

APÊNDICE A – Perguntas utilizadas nas entrevistas.

PARTE 1 – Perfil dos respondentes

1- Qual a sua idade:

- Entre 20 e 30 anos
 - Entre 31 e 40 anos
 - Entre 41 e 50 anos
 - Mais que 51 anos
- 2- Qual o sexo:
- Feminino
 - Masculino
- 3- Qual seu tempo de atuação na educação:
- 1 a 2 anos
 - 3 a 5 anos
 - 6 a 8 anos
 - Outros: _____
- 4- Qual a sua escolaridade máxima completa?
- Graduado (a)
 - Especialista
 - Mestre
 - Doutor (a)
- 5- Qual sua função na escola: (múltipla escolha)
- Professor (a) de Educação Infantil
 - Professor (a) de Anos Iniciais (1º ao 5º ano do Ensino Fundamental)
 - Professor (a) de Anos Finais (6º ao 9º ano do Ensino Fundamental)
 - Professor de área (1º ao 3º do Ensino Médio)
 - Integrante da equipe de gestão da escola

PARTE 2 – Roteiro de entrevista

- 6- Qual é o perfil da escola em que trabalha? (Faça uma breve descrição de 3 linhas ou mais, sobre a classe social, familiar e algum problema que é latente nessa comunidade escolar)
- 7- Quantos alunos têm, em média, nas disciplinas que você leciona? Você acredita que esse número seja adequado para aprendizagem dos alunos? Comente sobre isso
- 8- Na sua percepção, como acontece o processo de aprendizagem com seus alunos?

- 9- Quais as principais dificuldades e barreiras enfrentadas para a aprendizagem dos alunos em vulnerabilidade social?
- 10- Você vê relação entre dificuldade de aprendizagem e vulnerabilidade social? Explique.
- 11- De que forma a vulnerabilidade social influencia o aluno - enquanto sujeito social, de valor para a comunidade, família, questões psicológicas?
- 12- O que você acredita ser necessário para uma formação discente adequada ao enfrentamento dos problemas de vulnerabilidade?
- 13- Você acredita que exista formas de ressignificar a formação desfavorável a essas crianças e adolescentes? Cite estratégias/ ações e profissionais que estariam envolvidos nisso.
- 14- Que instâncias estariam atreladas a essas estratégias/ações?
- 15- As garantias legais são compatíveis e contemplam as demandas de uma comunidade educacional localizada em região vulnerável? Explique sua resposta?
- 16- De maneira geral, o que você entende por vulnerabilidade social e o quanto ela impacta na educação?